

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 151

Data: 05.05.85

Pg.: _____

Freira agostiniana morre em briga dos caiapós em Lábrea

Porto Velho — Ao tentar apaziguar dois grupos de índios apurinás que disputavam a partilha da produção de castanha, na semana passada, em Lábrea (AM), a 400 quilômetros daqui, a freira Agostiniana, conhecida por Cleusa, da Pastoral Indigenista daquela Diocese, foi morta sem qualquer resistência pelo cacique Raimundo. A 8ª Delegacia da Funai, em Porto Velho, e o regional do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) não souberam informar se ela morreu a tiros ou a flechadas.

Irmã Cleusa, de 52 anos, tentou separar os grupos liderados pelos chefes Agostinho Moreno dos Santos e Raimundo Apurinã — este último foi quem atingiu a religiosa. Anteriormente, índios liderados por Raimundo haviam matado

a flechadas a mulher e um filho do cacique Agostinho.

O corpo da irmã Cleusa Carolina Rody Coelho. Foi encontrado no 3º igapó do Rio Parcia, ela fora dada como desaparecida no dia 27, quando se dirigia ao rio Parcia, para tentar apaziguar um conflito iminente entre os índios apurinás.

As informações repassadas por telefone, à Congregação das Agostinianas, em Manaus, ainda são evasivas, mas deixaram alguns dados novos tais como o de que o corpo de Irmã Cleusa já está em decomposição e provavelmente com uma das pernas desprendidas. A freira estava vestida, com parte do corpo n'água e outra parte na terra. A equipe da Prela-

zia, formada pelo frei Jesus Moraza e mais cinco homens da comunidade, foi quem efetivou a busca e localizou o corpo. A polícia, segundo informações, não se envolveu no caso sob a alegação de que isso era incumbência da Funai, e esta até ontem pela manhã não havia providenciado a remoção do corpo da religiosa.

O coordenador regional do Cimi Norte/1, Victor Kameyana, que passou todo o dia de ontem tentando alugar um taxi-aéreo, para enviar alguém a Lábrea, o que não conseguiu em face do preço cobrado (seis milhões e 300 mil cruzeiros). Ele mostrou-se muito preocupado com a morosidade da Funai em relação a este caso, que já resultou na morte de dois índios e da Irmã Cleusa.

Irmã Cleusa, uma terna defensora dos pobres

Manaus — “Uma mulher decidida quando se tratava de defender os empobrecidos, de jeito maternal e voz muito terna”, assim o indigenista Ademir Ramos, membro do Conselho Indigenista Missionário Norte-1, define Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, e esta é a opinião da totalidade das pessoas que conheceram a religiosa agostiniana.

Irmã Paz, sua colega de congregação e de trabalho, dizia ontem, sem esconder as lágrimas, que “Cleusa não era apenas uma pessoa muito inteligente, tinha uma característica maior que a fazia sobressair dentre os demais: o seu espírito de pobreza. Tudo o que possuía era a roupa do corpo: nem relógio tinha; e em Lábrea, quando não estava com os índios, estava

visitando os presos, os enfermos ou os hansenianos. Não parava um minuto para pensar nela, dedicava-se inteiramente aos desfavorecidos”.

A Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, em 12 de novembro de 1933, tendo entrado para o noviciado, na Congregação Agostiniana, em 2 de outubro de 1952, fazendo em outubro de 53 os seus primeiros votos. De 1967 a 1969, depois de muita insistência das suas colegas de ordem religiosa, Irmã Cleusa aceitou ser superiora da Congregação, em Lábrea, onde atualmente era subcoordenadora do Cimi.

Em Manaus, trabalhou como professora de religião nas escolas públicas. Em

1976, quando morava na Igreja dos Remédios, onde funcionava provisoriamente a sede da sua ordem, desenvolveu diversas atividades com menores de rua. Em 1956, co-fundou a escola mantida pela Congregação em Lábrea, e, anos antes, ajudou a criar um colégio em Vitória.

Irmã Paz exclui a possibilidade de a religiosa ter sido morta pelos apurinás. “Os índios não teriam feito nada com ela, isso eu posso afirmar, eles tinham grande carinho por ela e diziam sempre: Cleusa é nossa. Não foram os índios que a mataram”. O corpo da Religiosa será enterrado no Município de Lábrea, na área da Congregação a que pertencia.